



FOTO: DIANA TINOCO

Teresa Gentil **A MÚSICA COMO FORMA DE VIDA**

Teresa Gentil tem sido tudo em torno da música, compositora, intérprete, investigadora, professora e conferencista.

No dia 24 de Setembro defendeu a tese de doutoramento em Etnomusicologia atingindo o grau máximo académico pelo qual trabalhou durante oito anos.

Agora o futuro vai continuar repleto de projetos. Como sempre!

PÁGINAS 6, 7

**O TESOURO DA LEI-
TURA: UM ENCONTRO
COM A FAMÍLIA**

PÁGINA 3

**DIABETES EM MOVI-
MENTO RETOMA ATI-
VIDADES EM
TONDELA**

PÁGINA 3

**CLAST APROVA PLA-
NOS DE AÇÃO DA
REDE E DO RADAR
SOCIAL DE TONDELA**

PÁGINA 3

**EQUIPA DE TÊNIS DE
MESA DO C.S.C.D.R.
CARVALHAL MARCA
PRESENÇA NO TOR-
NEIO DE ABERTURA
DA ATMDV**

PÁGINA 10



Nandufe **Homenagem aos bombeiros e forças de segurança**

PÁGINA 4



Molelos **Um arroz colaborativo para animar uma tarde de campanha do Partido Socialista**

PÁGINA 9

A música como

Teresa Gentil tem feito imensas coisas em redor daquela que é seguramente uma das maiores paixões da sua vida, a música. Natural de Molelos e após, pouco tempo de aprendizagem em Tondela teve que direcionar a sua escolaridade em função do Conservatório de Música de Viseu onde começou a estudar piano aos 10 anos de idade.

Para isso contou com a teimosia da mãe que a apoiou nesse desafio nem que para isso tivesse que pagar um quinto do salário já para não falar de ter que a ir levar e buscar todos os dias. A despesa era grande, mas o sonho prosseguiu e mais tarde foi viver para perto do conservatório para a dedicação ser ainda maior.

Fez o 11.º Ano por exame, indo apenas às aulas das disciplinas que mais gostava. Queria ter todo o tempo do mundo para tocar piano. Em vez de ir para as aulas de manhã, ia para o conservatório onde não estava lá ninguém. Estudava até à hora de almoço e ia para a escola ter as aulas que queria, depois voltava.

No 12.º Ano foi para o Porto porque já não se pagava o Conservatório. Fez da mesma forma três meses antes dos exames nacionais comprou os livros estudou intensamente. Passou a tudo com boas notas e entrou em piano e composição na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE).

As pessoas costumam dizer-lhe que tem dom para a música, ela prefere responder, que tem características que lhe têm permitido ser aquilo que sempre quis ser, como a teimosia e a criatividade.

ENTREVISTA

Jornal de Tondela - A Teresa Gentil é mais compositora, interprete ou investigadora?

Teresa Gentil - Sou as três coisas e tenho conseguido fazer tudo ao mesmo tempo por incrível que possa parecer a mim própria. Só para teres uma ideia, há dois anos, foi um ano muito duro, fiz um espetáculo

como interprete, em que se está seis meses em residência. O meu trabalho era tocar piano e fazer coreografias, ao mesmo tempo, estava a escrever a minha tese de doutoramento, uma ópera e uma peça de orquestra. Portanto ando sempre com a vida muito tripartida. Consigo fazer isto porquê? - Não tenho fins de semana, feriados e folgas. Consigo ter esse ritmo porque estou sempre a mudar de coisas. Por exemplo, hoje não me apetece compor, vou agarrar na tese, entretanto, esta ajuda-me a resolver o problema da composição e vice-versa. Depois ainda tenho outros projetos.

Entretanto concluíste o teu doutoramento recentemente?

Foi incrível porque entrei para o mestrado em Etnomusicologia, na Universidade Nova de Lisboa, num ano difícil da minha vida, em 2015. Depois tive uma professora Salwa Castelo-Branco, a minha orientadora do mestrado e do doutoramento que é uma personalidade incontornável da Etnomusicologia a nível mundial. Desde a primeira aula que eu disse: vou gostar disto e percebi que ia gostar daquela senhora. Pensei. Vou ter que tirar grandes notas para conseguir uma bolsa. Tinha acabado de chegar a Lisboa, tinha pouco trabalho, porque a gestão de um trabalhador independente, também não é como as pessoas acham que é. Estamos sempre a fazer projetos e temos que arranjar maneira de ano para o ano ter outra vez trabalho. Vinha sem grandes perspetivas, mas depois, num ano de repente tudo aconteceu. No mestrado tinha aulas desde as 18h às 22h, três vezes por semana, mas trabalhava a tempo inteiro. Portanto comecei no doutoramento, quando entrei para o mestrado.

Acabei o meu mestrado com uma classificação excelente. Fiz um projeto que o júri gostou e consegui duas bolsas de doutoramento. A da Fundação para a Ciência e Tecnologia e da Universidade. Então fui bolseira qua-



Teresa Gentil ladeada pela orientadora e coorientador do doutoramento, Salwa El-Shawan Castelo-Branco e Rui Vieira Nery

se cinco anos e o doutoramento demorou oito anos a fazer. O grande trabalho foi feito nos primeiros cinco que era quando tinha bolsa. Comecei a investigar para o doutoramento quando ainda estava à espera da defesa da tese de mestrado.

A defesa aconteceu no dia 24 de setembro, na Universidade Nova de Lisboa.

Qua foi o objetivo central da tese de doutoramento?

No ano em que estava acabar a tese fiz uma ópera na Casa da Música, da Escola de Música de Leça da Palmeira. Foi tudo feito, de raiz, trabalhei com uma amiga minha que é dramaturga que fez um texto à medida daquilo que eu pedi. Era para comemorar os 30 anos da escola e os 50 anos do 25 de Abril. Foi trabalhado com um grupo de miúdos da escola durante um ano letivo. Ao mesmo tempo estava a trabalhar em Faro com um grupo de pessoas com doença mental. Fiz com eles uma ópera com orquestra barroca e um espetáculo na ilha Terceira.

A minha tese tem 280 páginas com bibliografia incluída e já teve quase 400 páginas. É um trabalho de redução, escrita e coração. Passei três anos da minha vida na Torre Tombo e na Biblioteca Nacional. Devo ter visto à volta de 10 mil jornais. O meu trabalho é

sobre a voz da Amália, entre 1939, que é quando ela começa e 1949, que é a primeira vez que dizem que ela é a voz de Portugal. Mas, eu não olho para ela especificamente, como a Amália. Interessam-me o que se dizia sobre a voz dela e como é que se construiu através da imprensa uma ideia de voz. A voz da Amália é a própria Amália, o que é que isso, quer dizer? De onde a vem a ideia de que é a voz de Portugal, saudade, de onde é que isso aparece? - Então são muitas camadas que tiveram de ser analisadas. O que tentei fazer foi desconstruir a parte do mito, desde o início.

Como defines a Etnomusicologia?

A Etnomusicologia vem da Antropologia. A Musicologia dedicava-se quase exclusivamente à Música Clássica. A Etnomusicologia dedica-se à música toda. É perceber como é que as músicas das práticas expressivas, seja de um rancho folclórico, cantora pop, até de um músico clássico, tem impacto na nossa sociedade e emerge de um determinado contexto. Não há música sem contexto, não há música sem política, não há arte sem política. As pessoas têm esta ideia inocente ainda e eu também tinha quando comecei a estudar que a arte não tem género, é

apolítica, que é universal. Nada é universal, tudo depende, do nosso contexto.

Temos uma visão eurocêntrica e ocidental do mundo. Enquanto não mudarmos as lentes, o mundo não é todo igual, nem toda a gente tem a visão que nós temos. A Etnomusicologia permite-nos compreender o fenómeno musical, as práticas musicais e expressivas, consegue fazer perceber uma determinada prática, num determinado contexto.

Não havia ranchos folclóricos em Portugal. O folclorismo vem de onde? - vem de uma necessidade dos governos totalitários de criarem pontos de união entre as pessoas, fabricarem ideias e autenticidade. A minha tese é sobre a voz que usa como figura central para explicar todo esse fenómeno a nossa grande voz que é a Amália. E a partir dessa voz tento explicar como é que essa voz é um fenómeno cultural e social.

A voz é um marcador de identidade, assim, que eu abro a boca para falar estou a transmitir informação sobre mim. Porque é que a voz da Amália ficou tão famosa e não ficou de outra fadista qualquer? - Porque naquela altura, a voz das fadistas era uma voz suja, quase esganiçada e o fado está associado desde o seu início às tabernas, bordeis, era cantado por prostitutas.

O Estado Novo não gostava de fado. Detestava aquela linguagem e imagem do país. A voz da Amália é importante nesta altura porque é uma voz limpa que tem características que são completamente diferentes das vozes das antigas fadistas.

A minha tese tem duas partes uma em que analiso o que foi dito sobre a Amália durante estes dez anos (1939-1949) e a outra em que analiso a voz dela nas primeiras gravações e comparo com outras vozes. A questão da oralidade é uma questão da voz, se usas o calão, se sabes construir bem o português. Eram coisas muito importantes naquela altura. A rádio era o meio mediático mais importante. Pensa agora na extrema direita atual. Vê o paralelo com a vocalidade. É com a víscera para criar a sensação nas pessoas quase animaléscas que alguma coisa está muito errada que temos que transformar.

É muito difícil já ter cinco álbuns de originais editados?

Eu também fiz um musical que também foi editado. Fiz um disco para o Plano Nacional de Leitura com poemas de crianças. Eu tive uma fase e isso ainda me apanhou aqui em Tondela em que tocava e tinha uma espécie de carreira como cantautora. Tinha as minhas, mas também, usava palavras de outras pessoas, fazia músicas e tocava ao vivo. Essa parte fechei já não apareço a fazer concertos há muitos anos. Agora escrevo música para outras pessoas tocarem. Por exemplo pensar numa ópera que é um espetáculo único que tem uma hora. Que obriga a pensar todas as transições.

A tua ligação aos Açores que papel é que teve na tua carreira musical e profissional?

O projeto maior que eu tive nos Açores foi uma cooperativa e foi trabalhar com populações por conta e risco sem apoio do Estado a viver relativamente mal. Não foram anos fáceis com muito trabalho, mas muito mal remunerado. Havia uma casa muito barata, não era

Gentil

o forma de vida



Espectáculo Má Educação da Companhia Formiga Atômica, Teatro São Luiz (Lisboa). Créditos: Estelle Valente



Espectáculo Larasati de Teresa Gentil e Elisabeth Davies, Centro Cultural de Belém (Lisboa). Créditos: Manuel Ruas Moreira

espetacular, mas que tinha uma vista fantástica para o mar. Houve um projeto de paixão, ou seja, fazer espetáculos que coubessem na mala de um carro. Fazer aquilo em Rabo de Peixe, Vila Franca do Campo, trabalhar com alunos, pessoas que foram vítimas de violência e isso foi a minha grande escola para aprender a trabalhar com pessoas.

A minha grande frustração com a composição quando acabei o curso era não poder trabalhar com pessoas, usar aquilo que eu já sei para pôr ao serviço de quem faz teatro amador e muito trabalho social. Foram anos muito suados. Entretanto mete-se aquela bolha de 2008. Estava a trabalhar com os grupos todos de teatro amador, com escolas, algumas instituições, mas como cooperativa. Nessa altura secou tudo. Já havia poucos apoios do Estado. Os Açores são muito pobres do ponto de vista cultural e os poucos que havia caíram.

Então fui dar aulas (piano de acompanhamento) para o Conservatório de Ponta Delgada. Nessa altura fiz o percurso como docente. Acabou por servir de uma espécie de laboratório para tudo que a vida havia de dar. Por isso é que me meti na altura no mestrado em Educação. Portanto, trabalhei com a comunidade, na docência, venho, para Lisboa e começo a trabalhar como artista, em nome indi-

vidual e afirmar-me, como compositora para teatro e como intérprete.

A tua relação com a ACERT continua a ser muito forte...

Eu sou artista por causa da ACERT. Lembro-me de estar na escola primária, nunca tinha visto uma peça de teatro na minha vida. Lembro-me de ir ver um espetáculo ao hospital antigo e estar muito chateada porque tinha um pico na sapatilha. Não me lembra do nome, mas aquilo marcou-me profundamente. Nunca andei na creche, fui criada com os meus avós, as minhas companhias eram os livros para desenhar, os animais e ajudar a minha avó no campo. Isso é incrível porque agora percebo de onde vem a minha criatividade. É daí. Andar atrás das formigas, ver onde é que elas se escondiam. Arranjar brincadeiras. É uma coisa que une muito as pessoas que são criativas. Uma infância onde tens tempo para pensar em nada... hoje é um bombardeamento constante não tens um minuto em que a tua mente se esvazie para aparecerem ideias. Só podem aparecer ideias onde não está acontecer nada.

A minha criatividade vem da minha infância. Os valores também foram importantes, eu nunca vi ninguém chegar lá a casa da minha avó e não irem buscar o presunto e um bocado de pão. Toda a gente se aju-

dava. E custa-me muito olhar agora para este sítio e ver que os valores que me foram passados da solidariedade e do respeito pelo outro ser humano agora são diferentes só porque o outro não tem a mesma cor e vem de um sítio diferente.

O primeiro espetáculo em que colaboras com a ACERT acontece ainda antes de entrares para a Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo (ESMAE)?

Sim, o Trásviriato. Era um espetáculo que íamos num camião pelo país. Participava no Judas. Foi aquilo que fez com que quisesse ser artista. Uma sementinha que foi plantada. A ACERT é a minha semente que permitiu que desse isto. Para o bem e o para o mal...

Agora estou confortável porque já levo um certo arcaboço com espólio artístico que me garante ter trabalho bem remunerado que era uma coisa que até aqui não acontecia. Os próprios artistas alimentam a arte dando de si sem receberem o que merecem. Conheço muitos que estão a alimentar a arte em Portugal. Temos recursos muito limitados.

Eu insisto em trabalhar com jovens porque tu vês os miúdos a transformarem-se. No último espetáculo que eu fiz com adolescentes de Leça da Palmeira na Casa da Música. Não se conheciam de parte nenhuma, com nada que os unisse e de re-

pente, começámos a falar o que é isso de ser livre? Ver os mecanismos deles a pensarem e depois com pais que têm outro tipo de ideologia e que lhes trazem outras coisas. E ver estes miúdos a porem em causa tudo e podermos dizer-lhes muito claramente, isto, é vosso, vocês têm que tomar decisões, vocês é que vão escolher como o espetáculo acaba. Passar horas a debater e de repente começam a perceber que podem mudar o mundo. Isso é montar um objeto artístico que no fundo é uma dimensão da realidade onde podemos fazer o que queremos, mas com responsabilidade porque o que se está a fazer tem impacto noutras pessoas e no teu ecossistema.

As pessoas felizes de uma maneira geral têm atividades que são artísticas. A ideia da profissionalização da arte não devia invalidar isto e de certo modo invalida. Porque se pensarmos em termos dos compositores quantas mulheres estão nesses nomes. Elas existem e foram mais importantes para puxar a música para um determinado sítio do que eles. Aproveitavam-se das ideias delas...

Os prémios que tens recebido têm tido impacto no teu trabalho?

Não tenho muitos prémios porque não concorro. Detesto a lógica dos prémios, porque estamos sempre a pormo-nos em comparação e isso não é

comparável. Claro que os prémios são uma boa maneira de conseguirmos mais trabalho. Quando me convidam para ser júri de um prémio qualquer digo que estão a falar com a pessoa errada porque provavelmente vou dar a classificação igual a toda a gente.

O prémio mais importante é o Nacional de Investigação e Música. Fiz uma conferência há dois anos no Encontro Nacional de Investigação e Música e era já sobre o meu trabalho de doutoramento.

E o reconhecimento da ANIM'ARTE que aconteceu este fim de semana em Viseu?

Foi uma feliz coincidência porque foi o fim de semana que tinha guardado pra fazer o workshop na ACERT. O Prémio é Prestígio e Carreira. Fiquei mesmo contente com o prémio em si pelo modo como estava inserido no meio daquele grupo de pessoas.

Entre elas associações, pessoas que criaram ranchos folclóricos, quem trabalha na banda desenhada, gente que está no território a fazer este trabalho difícil de manter o associativismo vivo.

Quais são os projetos para o futuro?

O livro da tese vai ter que sair. O meu coorientador é o Rui Vieira Nery. Neste momento estou a fazer o primeiro projeto em que consegui juntar a Etnomusicologia e a Com-

posição. Estou a escrever uma ópera que vai estrear no CCB em 26 de fevereiro do ano que vem sobre uma cantora popular, Catarina Chitas. Fiz um trabalho sobre ela em 2016.

Estive em Idanha-a-Nova a ver as comemorações da Páscoa. Ela era de Penha Garcia. Fiz um trabalho de terreno como etnomusicóloga e ficou-me aquele bichinho de que era mesmo bom fazer um trabalho sobre a Catarina Chitas. Demorei estes anos todos e agora vai ser uma ópera. A voz dela vai estar na ópera com cantores líricos, orquestra, mas vou usar também gravações da voz dela. Estou a fazer uma investigação paralela sobre que músicas que ela deixou gravadas, onde é que essas músicas é que já foram tocadas, quem é que as fez, como é que são as letras, o contexto sócio cultural.

Vou criar através desse trabalho etnomusicológico que no fundo é um trabalho académico, um trabalho artístico. Nesta semana vou para a ilha Terceira fazer um espetáculo para bebés chamado "Bixus" (dança e teatro) que estreia em novembro. Em junho de 2026 vou ter a minha estreia no Teatro Nacional de São João no Porto a fazer um espetáculo sobre a voz, através da Sonoscopia. Composição com um grupo de pessoas que não são músicos. O próximo ano está incrível.

ARMÉNIO PEREIRA